

KANT

A Humanidade como Objeto da Educação

O primeiro artigo aborda aspectos principais das lições de pedagogia kantianas, os quais se firmam da seguinte maneira: os indivíduos devem orientar-se no sentido de adquirirem os progressos da humanidade e têm que construí-los em si, seguindo as disposições naturais. A análise revela que Kant dirige seu pensamento a fim de obter a compreensão histórica de leis objetivas. Especificamente, sua proposta educacional, ao contrário das dos pensadores que o precederam e que se referiram a uma educação particularista, trata de uma pedagogia que tem a humanidade como objeto.

A História como Pedagogia

O segundo artigo analisa a proposta educacional de Kant na perspectiva de que o indivíduo deve construir sua vida através de mediações que afirmam o rigorismo da obediência, do trabalho e da coação. Somente dessa forma, poderá participar da plena liberdade e da cultura, construídas pela humanidade.

O estudo entende que as lições de pedagogia kantianas têm a humanidade como objeto e a história como pedagogia.

Kant

A Humanidade Como Objeto da Educação

Sandino Hoff

Kant nunca se propôs a escrever um tratado de pedagogia. Na Universidade de Königsberg deu um ciclo de palestras sobre lições de pedagogia durante os semestres de inverno de 1776-1777, de 1780, de 1783-1784 e de 1786-1787. O resultado desses cursos foram confiados por ele a seu discípulo Rink que os publicou em 1803 sob o título de *Ueber Paedagogik* (Sobre a Educação).

Para elaborar sua proposta educacional baseou-se em Rousseau e em Basedow. Leu *O Emílio* com paixão e extraíu dele alguns aspectos educacionais. Em 1776, saúda com entusiasmo a obra que realiza Basedow no *Philanthropinon* de Dessau. No ano de 1774, Basedow havia criado um instituto pedagógico que tinha por objetivo formar crianças e futuros mestres. Para ele educar consistia em seguir a natureza, na mesma linha de Rousseau, isto é, seguir a sensibilidade, a intuição e a emoção.

Locke também influenciou o pensamento educacional de Kant, especificamente no aspecto de incentivo ao raciocínio das crianças. Da mesma forma que Locke, Kant expressa a "revolução copernicana" na sua doutrina filosófica, isto é, o ser é uma atividade produtiva, é ato que abre caminho para a práxis; fiel a seu pensamento, exige que as escolas de sua época sejam fruto de novas atividades e ações, que sejam melhoradas, reconstituídas e transformadas.

Nesse sentido, Kant torna-se um espírito interessado nos problemas da educação. Sua metafísica intervém a todo momento na pedagogia; nela a experiência e o pensamento se

alternam, se esclarecem e se guiam. Educação para ele não pode, entretanto, formar apenas o indivíduo; há de formar o cidadão, o político, o homem social. Um homem para a humanidade.

Neste artigo abordaremos aspectos principais das lições de pedagogia kantianas, tendo por tema que a educação proposta pelo pensador alemão baseia-se no seguinte: *os indivíduos têm que orientar-se no sentido de adquirirem os progressos da humanidade; têm que construí-los em si, seguindo as disposições naturais.*

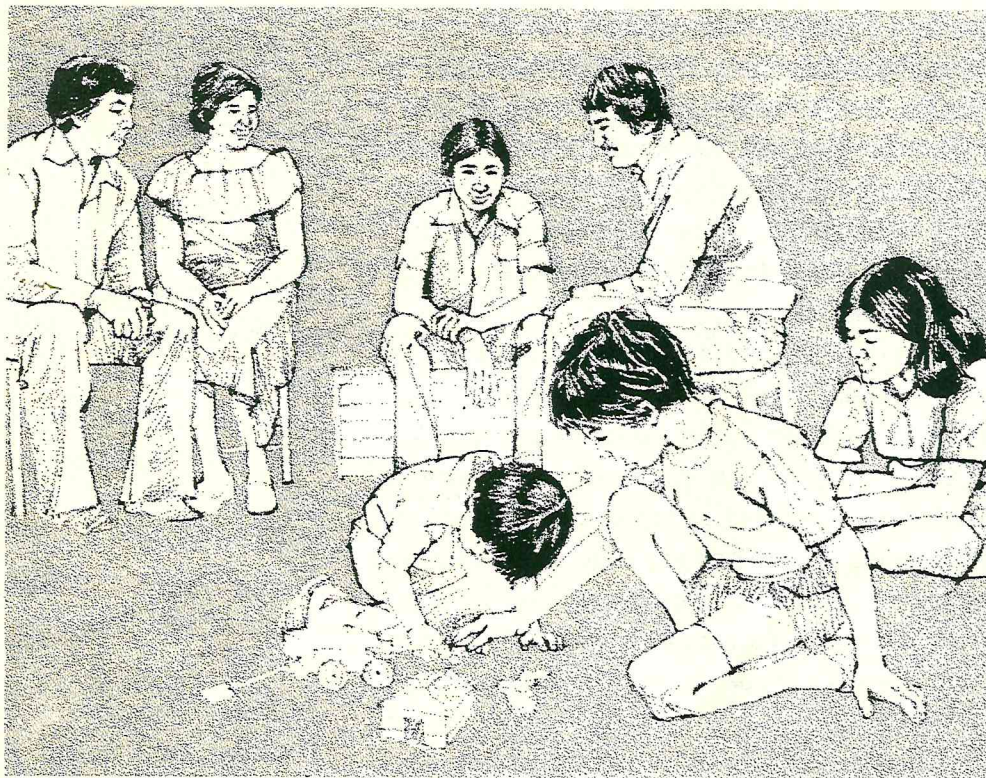
A partir desse tema, propomos um em-jogo próprio para entender a pedagogia kantiana. Ao contrário das propostas educacionais particularistas apresentadas por pensadores que o precederam, Kant projeta uma teoria social e universal e uma proposta educacional para a nação.

A Educação à Época de Kant

Na Alemanha, o século XVIII, o das Luzes, não era nada esclarecido. A situação do ensino consistia em mestres incompetentes, muitas vezes ignorantes, em frequência escolar episódica e no obscurantismo religioso. A língua escolar permanecia o latim até a metade do século. O regulamento escolar, editado em 1763 pelo rei filósofo da Prússia, Frederico II, não tinha efetividade prática: a escolaridade obrigatória estava prescrita dos cinco até os treze anos, mas, absolutamente não era obedecida.

O *Regulamento Escolar Geral para o País de Frederico II*, embora considerado uma grande reforma educacional, coloca-se ainda sob aspectos obscurantistas que nada tem a ver com as Luzes, o progresso da humanidade e a ciência. Vejamos um trecho retirado desse Regulamento: "*As crianças alemães não podem completar a escola sem antes estarem aptas à leitura, à escrita e a uma formação básica sobre o cristianismo*" (Ap. DIETRICH, 1972, p. 234). Impõe examinadores visitantes frente aos quais as crianças devem dar testemunhos orais de que aprenderam as lições do mestre ou do pregador.

Importa acentuar que as diretrizes educacionais da época, como todas as orientações de eras anteriores, baseiam-se exclusivamente no cristianismo. O documento *Zur Geschichte der Volksschule* (Sobre a História das Escolas Populares) contém as diretrizes baseadas na bíblia e nos cânticos religiosos. Faz constar três horas escolares antes do almoço e três horas na parte da tarde, para as crianças de 8 a 11 anos de idade. A programação escolar que determina à instrução é a seguinte: "*Na primeira hora, deve-se cantar um hino, antes entoado pelo professor e depois por todas as crianças. A cada mês o pregador deve ensinar novo hino às*



crianças que o devem saber de cor" (Id., p. 233).

A programação continua com uma oração e um salmo lido por um jovem. Caso um aluno chegar atrasado à aula, deve permanecer à porta durante a oração e a leitura do salmo para não interromper o momento de reflexão. Finda a oração, o professor há de esclarecer um trecho do catecismo. O texto deve ser repetido tantas vezes até que as crianças o tenham captado. Na hora seguinte, as crianças devem articular as letras das palavras, ora em conjunto ora sozinhas. As que já sabem ler e escrever, irão praticar e o professor tem o dever de corrigir esses exercícios práticos (Id., p. 235).

O pequeno quadro que traçamos sobre as prescrições para a escolaridade na Alemanha, promulgadas pelo rei Frederico II, em 1763, e

*A educação não pode formar apenas o indivíduo.
Tem de formar também o cidadão, o político, o homem social.
Um homem para a humanidade.*

que estavam em vigor à época das conferências sobre as lições de pedagogia proferidas por Kant, fornece uma amostra da realidade educacional contra a qual o pensador expõe sua própria visão educacional. É nessa perspectiva que se exige que o ser se efetive em ato e que a escolaridade seja profundamente transformada na sua diretriz e na prática do dia a dia, no intuito de capacitar as crianças a desenvolverem todas as suas disposições naturais e caminharem em direção à destinação da humanidade, à manifestação da liberdade. Nesse aspecto a educação coincide com a destinação da evolução histórica da humanidade.

A Necessidade da Experiência e o Progresso da Humanidade

Kant fala de um progresso infinito para o futuro da humanidade, especificamente, no sentido de uma perfeição a ser atingida com a ajuda da educação. As possibilidades infinitas do homem significam que este deve ser educado; e educado convenientemente, segundo a idéia da humanidade, da sua cultura e da sua natural destinação.

Kant considera que a educação das crianças necessita da *experiência*. Isso significa antes de tudo *recolher o ensinamento das gerações passadas*. Afirma que não estamos no início da história; numerosas gerações nos precederam e é preciso apoiar-nos em tudo o que elas nos legaram. Seguir a experiência parece-nos à primeira vista estranho à filosofia de Kant visto que ela propõe um conhecimento a priori na sua epistemologia. E a priori significa sem a experiência. As coisas, na concepção de Kant, podem ser conhecidas porque possuem uma essência que o entendimento pode captar a priori. O conhecimento das coisas fundamenta-se na subjetividade transcendental. Se a educação fosse uma ciência seria um conhecimento independente da experiência, um saber da essência do objeto.

como uma ciência ou um conhecimento; concebe-a como uma arte a ligar-se resolutamente à experiência. Assim, concebe-a como uma experiência orientada. Daí o elogio de Kant a Basedow por ter fundado uma escola experimental, verdadeira pesquisa concreta das possibilidades humanas. Essa consideração de Basedow ajuda a espécie humana a passar progressivamente da natureza grosseira para um plano ético no qual a perfeição é a meta a ser alcançada. O desenvolvimento das disposições naturais não se efetua espontaneamente como nos animais. Por isso, a educação é uma arte.

O pensador alemão reporta-se diretamente à filosofia da história. A educação é compreendida por ele em profundidade como a *própria experiência da humanidade*. Consideramos que há uma diferença entre Kant, Locke e os renascentistas. Estes últimos não conseguem fazer uma filosofia social ou uma história social, visto que estavam preocupados com a formação do indivíduo - por exemplo, Montaigne preocupado na formação do filho do nobre; Locke, com o filho do gentleman; Budé, com o filho do príncipe; e Erasmo, com o filho do príncipe cristão. Para Kant a educação é uma reflexão concreta, atual, sobre a experiência da humanidade.

Assim, Kant relaciona a educação à política. A política apóia-se no direito enquanto é prática do direito, e se subordina mediatamente à moralidade: "*A política concorda facilmente com a moral (...) como doutrina do direito, frente à qual teria de dobrar seus joelhos...*" (KANT, 1989, p. 79). A praxis, erigida em princípio gerador, é um traço histórico das políticas dos homens. Nem sempre na história os homens uniram a sua política à moralidade. Assim, a ligação entre a educação e a história pode acarretar alguns problemas, precisamente porque a *educação é a experiência da humanidade inteira*; logo, exclui que o indivíduo receba uma educação perfeita. O indivíduo é um momento infinitamente pequeno de uma linha interminável de gerações. A experiência em-

preendida será sempre limitada e inacabada frente ao conteúdo da humanidade: "No homem aquelas disposições naturais que estão voltadas para o uso de sua razão devem desenvolver-se completamente apenas na espécie e não no indivíduo". (KANT, 1986, p. 11).

Na verdade, a educação deve compreender o indivíduo no progresso geral da humanidade e, sem poder completar este progresso no indivíduo, deve conduzi-lo a participar da humanidade fazendo dele uma pessoa do amanhã, tudo se constituindo como uma corrente de gerações: "Todas as disposições naturais de uma criatura estão destinadas a um dia se desenvolver completamente e conforme um fim" (Id., p. 11). Objetivando o futuro e constituindo-se como uma reflexão sobre as experiências dos homens, a educação descobre ao mesmo tempo seu princípio regulador.

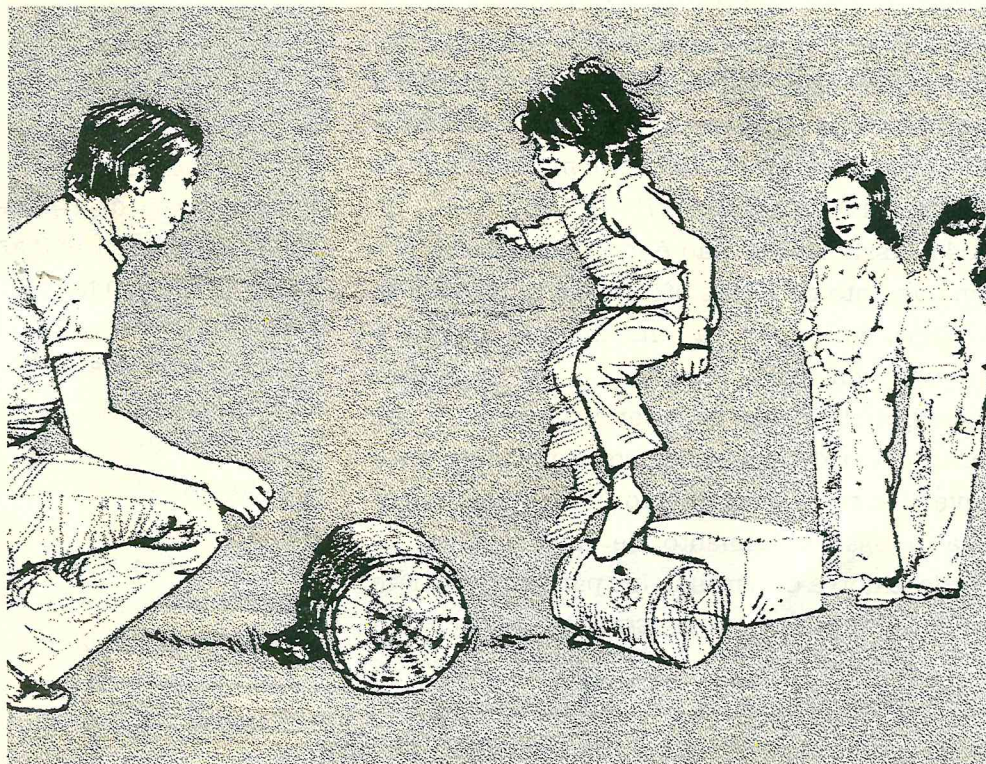
Esse princípio da ação educativa é precisamente a liberdade. Esta é a expressão da humanidade e tem papel significativo na passagem da natureza para a cultura, passagem construída pela espécie humana e pelos indivíduos.

Galeffi revela duas finalidades atribuídas à educação por Kant: a. ajudar o homem a "sair" da sua materialidade animal para realizar sua humanidade; b. fazer progredir

a espécie humana até a sua perfeição. (GALEFFI, 1986, p. 264).

Kant Constrói o Construtivismo

A *Fundamentação da metafísica dos costumes* de Kant estuda a legislação natural e a aplicação dessa legislação à experiência. Trata-se de aplicar à realidade concreta dos costumes os princípios a priori, apurados na análise da lei moral. Assim, a doutrina kantiana passa a ter a perspectiva da *práxis*, especificamente porque a *teoria moral normatiza toda a vida concreta dos homens*. A meta a ser alcançada pelos indivíduos e pelo gênero humano, através da arte de educar, é, no pensar de Kant, a *moralidade*. O homem, nessa evolução histórica, deve adquirir o hábito de escolher os bons



Kant concebe a Educação não como uma ciência ou um conhecimento, mas como uma arte ligada resolutamente à experiência.

fins. Bons são os fins que foram necessariamente aprovados por todos.

O homem, feito de matéria e de espírito, de inclinações sensíveis e de sentido do dever, não é naturalmente bom desde o nascimento, como queria Rousseau. Tem, sim, os germes da bondade e da virtude - disposições naturais. Só é verdadeiro homem quem tiver conseguido prevalecer em si a voz da razão sobre a dos sentidos (GALEFFI, 1986, p. 264). É uma construção: *ser é agir; ser é fonte de uma prática.*

Foi a revolução copernicana que abriu o caminho para a filosofia da praxis, mantendo a ilusão ideológica a que sucumbiu toda a filosofia idealista. Há que se inverter a filosofia tradicional e moderna com referência ao conceito de praxis, na consideração de que o "*ser social*" é atividade produtiva. A doutrina kantiana expressa essencialmente a revolução copernicana visto que, com ele, *o ser é ato e é a manifestação da liberdade*, a qual é atividade absoluta: "*A idéia da liberdade me faz membro de um mundo inteligível*" (KANT, 1960, p. 104). Assim, o ser não é mais constituído por um conjunto de idéias oferecidas à intuição do espírito, mas o *ser é a fonte de uma prática*, o princípio da ação. Para que o ser se realize como liberdade, não pode ser compreendido por um modelo de um saber contemplativo, mas deve ater-se ao pensamento finito que acompanha o desenvolvimento de uma prática. A verdade deixa de ser uma luz para modificar-se em resultado de uma construção. Nesse sentido, Kant escreve: "*...As gerações passadas parecem cumprir suas penosas tarefas somente em nome das gerações vindouras. (...) Somente as gerações posteriores devem ter a felicidade de habitar a obra que uma longa linhagem de antepassados edificou*". (Id., p. 12-13).

Kant faz da teoria moral a lei da essência a priori da vontade, de onde derivam os princípios da vida social dos homens reais. O que preocupa Kant é *provar que a moralidade é*

dotada de uma verdadeira eficácia prática. Assim, a praxis kantiana é erigida em princípio gerador e em modelo para todas as outras atividades concretas. É a revolução copernicana - a concepção de que a moral constrói a vida prática, de que a moralidade é dotada de uma verdadeira prática, - que faz de Kant o construtor do construtivismo.

Os indivíduos, através da educação - cuja finalidade é a moralidade - não constroem de uma vez todo o desenvolvimento progressivo da humanidade. Têm que construí-lo em si desenvolvendo suas disposições naturais: "*A história (...) que se mostra confusa e irregular nos indivíduos, poderá ser reconhecida no conjunto da espécie, como um desenvolvimento continuamente progressivo, embora lento, das suas disposições originais.*" (Id., p. 9)

A Humanidade e a História

A necessidade da educação impõe-se desde que o homem toma gosto pela liberdade. Passa, via educação, da natureza grosseira tendendo à liberdade para entrar no processo da civilização. Formar o homem torna-se, então, transformar sua natureza. E isso só se consegue pela obediência. É coagindo a criança que ela "entra" no caminho da liberdade e toma gosto nesse caminhar.

O imperativo moral provém dos imperativos que consistem em realizar os fins da humanidade. Os fins perseguidos são a chegada da racionalidade livre e da autonomia política e ética. *Educar uma criança não tem sentido se o fim proposto não é o de constituir (construir) um sujeito autônomo e um cidadão.* Nesse sentido, o fim do indivíduo e o da espécie humana convergem num objetivo comum.

É à história da espécie que compete realizar o plano escondido da natureza que leva o homem a tornar-se razoável (de acordo com a razão) e livre. Mas a natureza é impotente para efetuar esse plano. Sua "insociável sociabilidade", seu egoísmo imediato, contém também seu perpétuo impulso para se universalizar.

zar. O fim da cultura é uma instituição suscetível de fazer reinar a ordem recíproca das liberdades, a coordenação dos sujeitos-cidadãos. Isso significa que é preciso *construir uma sociedade civil perfeita*. Nesta as contradições dolorosas dos indivíduos são superadas e as coerções desaparecem.

O século das Luzes adquire o status em que o saber para o progresso de uma história acede a sua maturidade. O homem que acede às Luzes sai de sua infância; não precisa mais de mestres pois é autônomo. Esperando a história no seu movimento, a humanidade fica sendo o único objeto da educação.

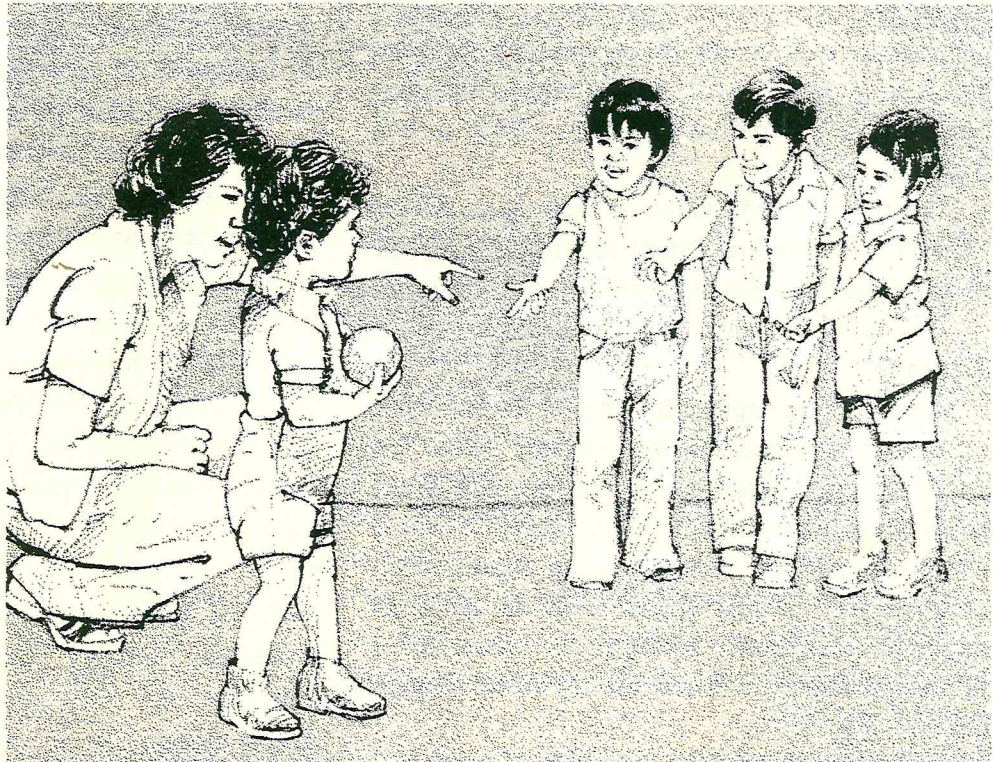
Uma Proposta para a Maturidade Burguesa

A proposta educacional de Kant é fruto dos novos tempos, embora a Alemanha ainda vivesse sob um regime em que a sociedade civil não contava. Uma época nova está por vir, entende Kant E ele a prepara a sua maneira, propondo o progresso civilizatório como constante e infalível. Para essa tarefa conta com a educação. Cada geração deve ser educada não conforme o estado presente da sociedade mas conforme o futuro. A humanidade deverá suplantat a natureza e

ingressar na sociedade civil. Nesta deverá reinar uma ordem recíproca de liberdade e de convivência contratual entre os cidadãos.

Introduzir na Alemanha os direitos difundidos pela Revolução Francesa e estabelecer o direito universal de autodeterminação do homem, são os objetivos de Kant. O "senhor" exigido nas relações humanas, nunca pode ser um tirano, mas um "justo em si mesmo". Eleição e nunca sucessão hereditária. Em relação às "escolas superiores", em que se reproduziam as elites da administração e do exército, Kant denuncia, com fina ironia, as três faculdades: o ensino da "enfermidade hereditária (medicina) ou da culpa hereditária (jurisprudência) ou o pecado original (teologia)". (KANT, 1960, p. 194).

As teses kantianas, inclusive sua proposta educacional, prestam um inegável apoio às



*Kant faz da teoria moral a lei da essência a priori da vontade,
de onde derivam os princípios da vida social dos homens reais.
Para ele, a moralidade é dotada de uma verdadeira eficácia prática.*

doutrinas de que a classe dominante necessita para defender seus privilégios à época. Sob as proclamações de um humanismo moral "forne-*cem objetivamente sua caução aos interesses dessa classe. Na prática das condições da vida humana, seu formalismo leva a reforçar o conservadorismo e a perpetuar a alienação do trabalho humano"*. (GRANIER, 1980, p. 56)

Quando Kant discute a questão da violência revolucionária, legítima a revolução francesa, mas expurga toda e qualquer tentativa de ir além. Representa a própria classe burguesa de sua época que consiste em ser herdeiro de uma revolução de quem é obrigado a negar a lógica revolucionária sob pena de anunciar sua própria subversão pelas classes vítimas da sua dominação. Aninha-se nas discussões abstratas, tão bem aceitas pela burguesia pelo fato de que escondem a verdadeira praxis histórica da realidade. Certamente que Kant *combate o tirano e insiste no direito de combatê-lo, mas sob duas condições: não ir além dessa tarefa e sem utilizar a violência*. (KANT, 1989, p. 73-74).

Dessa forma, não existe questão pedagógica que possa estar separada da *formação/chegada da racionalidade na história da espécie humana*. Disciplina e coação são mediações para a *liberdade*.

A história da espécie humana é considerada como a realização de um "*plano oculto da natureza para estabelecer uma constituição política perfeita interiormente, como o único estado no qual a natureza pode desenvolver plenamente, na humanidade, todas as suas disposições*". (KANT, 1986, p. 2)). Nessa perspectiva, a educação tem como objeto a humanidade.

Conclusão

Iniciamos este artigo afirmando que, ao contrário das propostas educacionais particularistas apresentadas por pensadores que o precederam, Kant projeta uma teoria social e universal e uma educação que contém em seu bojo a história. Retomamos aqui essa consideração.

Lessing introduz o conteúdo histórico na sua teoria quando analisa as religiões. No seu livro *Educação do gênero humano*, o religioso se reconcilia com o histórico. Mas, o pensador alemão não estende sua consideração à história universal no sentido de entendê-la para além da visão religiosa. Herder deu esse passo. Estendeu a idéia de Lessing - a revelação mosaica corresponde à humanidade-criança; a cristã, a um maior desenvolvimento do espírito; e a revelação do Evangelho corresponde ao pleno triunfo da racionalidade humana - a todo o vasto campo da cultura.

Na sua obra *Idéias para a filosofia da história da humanidade*, (1764), Herder supera a concepção corrente que considerava a história como um mosaico e a concebe como "*um processo orgânico e universal da humanidade*" (GALEFFI, 1986, p. 256). Cassirer escreve que "*nunca havia ressoado na filosofia da história do século XVIII uma voz como esta, uma voz estranha a Montesquieu, Voltaire e a Hume*" (CASSIRER, 1943, p. 260). A interpretação que Herder efetuou da história universal é a da "*realização progressiva daquele fim imanente à evolução histórica que é a Humanidade*" (Id., p. 257), na mesma linha de Lessing.

Herder, como representante do movimento *Sturm und Drang*, substitui o raciocínio pelo ímpeto anti-racionalista. Kant denuncia o naturalismo dogmático da concepção herderiana da história. Publica *Idéia de uma história universal do ponto de vista cosmopolita*, em 1784. Não lhe interessa o registro rigorosamente científico, objetivo, dos fatos históricos; sua interpretação teleológica da história é puramente moral, isto é, um imperativo categórico a ser implantado na história.

A investigação dos textos de Kant leva a entendê-los no sentido de uma cientifização da filosofia social. A formação desse pensamento tem a ver com o ser social e histórico. Nessa linha de raciocínio pode-se extrair do pensamento kantiano sua tendência a conceber os acontecimentos como uma totalidade. Isso re-

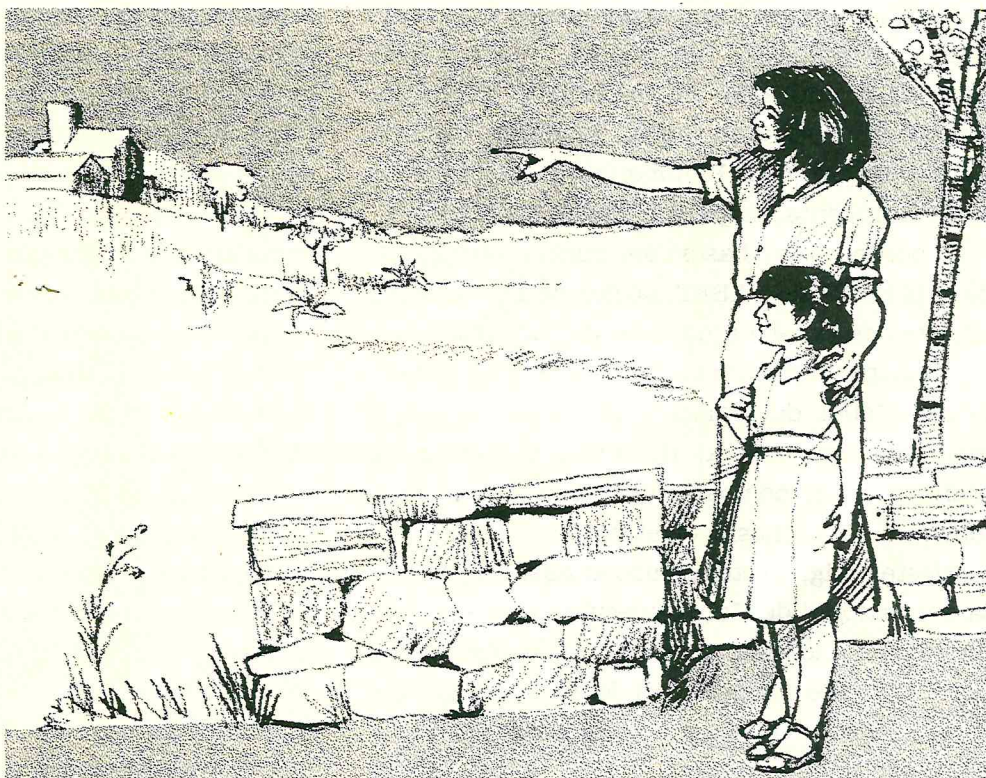
sulta em que Kant tem uma atitude que revela com clareza as leis sociais interpretadas como constitutivas de uma harmonia possível na sociedade civil. Essas, no entanto, só se tornam efetivas quando os indivíduos se liberarem, via educação, dos obstáculos de ordem econômica e política.

Kant manifesta claramente que sua filosofia social concebe a totalidade do ser histórico, considerando-a como uma conquista do futuro. Para ele, a história da espécie humana é a *realização de um plano oculto da natureza com vistas a estabelecer uma constituição política perfeita em que todos os homens possam desenvolver todas as suas disposições naturais*. Assim, seu pensamento expressa a contradição entre o ser individual que se inscreve no caminho da liberdade, enquanto um caráter ativo a sair da natureza grosseira para aceder à humanidade, e o ser legal da estrutura social que não permitia a concretização da liberdade.

O que se coloca é que em Kant já se encontra presente o antagonismo insuperável entre a *legalidade objetiva*, proveniente da objetivação do trabalho na manufatura plenamente desenvolvida, e a *liberdade individual*. O fator econômico do século XVIII havia crescido e estabelecia a produção

de mercadorias em grande quantidade de acordo com um método de divisão do trabalho, sob a direção de um empresário moderno. A atividade do indivíduo tropeçava com barreiras objetivas, com a coisificação do processo do mercado. Nesse sentido, o pensamento científico-social dirige-se à investigação das leis sociais, enquanto uma necessidade universal. A sociedade como um todo converte-se em objeto das reflexões da ciência social.

As primeiras vozes fazem-se ouvir no sentido da obtenção de uma *lei de validade universal e a compreensão histórica de leis objetivas e generalizadoras*. A proposta educacional de Kant reflete esse posicionamento. Não se trata mais de uma educação para indivíduos particulares, sejam filhos do nobre ou do gentleman; trata-se de *uma pedagogia que tem a humanidade como objeto*.



*Não existe questão pedagógica que possa estar reparada da chegada da racionalidade na história da espécie humana.
Disciplina e coação são mediações para a liberdade.*